

O CONCEITO DE LUGAR E SUAS DIFERENTES ABORDAGENS

EL CONCEPTO DE LUGAR Y SUYAS DIFERENTES ABORDAJES

Adelita Staniski

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

E-mail: adelitasta@hotmail.com.

Cesar Augusto Kundlatsch

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

E-mail: cesar.geo@bol.com.br.

Dariane Pirehowski

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

E-mail: darianepi@hotmail.com.

RESUMO. O presente estudo tem o objetivo de aprofundar o conceito de lugar e seus vários significados e/ou interpretações, relacionando tal conceito a Etnoecologia, ao ecoturismo em áreas de conservação e ao patrimônio cultural. A pesquisa foi realizada por meio de investigação da temática e revisão bibliográfica. Várias são as abordagens em torno do conceito de lugar, enquanto espaço vivido, espaço singular e espaço carregado de significações, destacados por alguns autores que serão abordados neste estudo.

Palavras –Chave: Lugar; Etnoecologia; Ecoturismo; Patrimônio Cultural.

RESUMEN. El presente estudio tiene el objetivo de profundizar el concepto de lugar y sus varios significados y/o interpretaciones, relacionando el concepto a Etnoecología, al ecoturismo en áreas de conservación y al patrimonio cultural. La pesquisa fue realizada por medio de investigación de la temática y revisión bibliográfica. Varios son los abordajes acerca del concepto de lugar, mientras espacio vivido, espacio singular y espacio cargado de significaciones, destacados por algunos autores que serán abordados en este estudio.

Palabras clave: Lugar; Etnoecología; Ecoturismo; Patrimonio Cultural.

Artigo recebido em 12/12/2014.
Aceito para publicação em 10/02/2015.

INTRODUÇÃO

O conceito de lugar pode ser aplicado a diferentes propostas e estudos, recebendo abordagens diferenciadas. Assim, o presente estudo consiste em aprofundar o conceito de lugar e seus vários significados e ou interpretações, relacionando tal conceito a etnoecologia, ao ecoturismo em áreas de conservação e ao patrimônio cultural. Percebemos a importância de abordar o conceito nas concepções contemporâneas da Geografia porque como afirma Callai (2000, p. 107) “em um tempo que se fala tanto em globalização, a questão do lugar assume contornos importantes, pois é em lugares determinados, específicos, que este processo se concretiza”. Para realização deste trabalho utilizou-se obras de RELPH (1979), BUTTIMER (1985) MELLO (1990), SANTOS (2002), MASSEY (2008) CARLOS (2007); entre outros.

O conceito de lugar caracteriza-se como o conceito fundante das três pesquisas a serem desenvolvidas por estes autores, pois o lugar está evidenciado nas comunidades tradicionais rurais, as quais vêm carregadas de tradições e modos de vida particulares, com seus significados e dinâmicas próprias; também na unidade de conservação por possuir aspectos históricos, culturais e ambientais de singularidade geográfica e de identidade dos moradores de sua área vizinha; e ainda ao patrimônio cultural por representar um aspecto da história local, compreendido enquanto vínculo afetivo, de pertencimento, como espaço vivido e produto das relações sociais.

O conceito de lugar na epistemologia da Geografia

A Geografia enquanto ciência sempre buscou compreender a real dimensão de seu objeto de estudo. Existem diversas correntes de pensamento geográfico; a humanística, a dialética marxista, a geografia cultural, cada uma delas embasadas em teorias filosóficas distintas, sendo que cada uma possui seu método de análise e compreensão do espaço geográfico.

Dessa forma o estudo da problemática epistemológica é assunto para a compreensão na contemporaneidade, pois ainda existem questionamentos da importância e cientificidade da Geografia, até porque, segundo Morin (2005 p. 23) “o conhecimento progride, no plano empírico, por acrescentamento das ‘verdades’ e, no plano teórico, por eliminação dos erros”;

ou seja, todo conhecimento é falível, será considerado válido enquanto não for refutado pela experiência (POPPER, 1972). Ainda para Morin (2005), o conhecimento científico é certo, na medida em que se baseia em dados verificados e está apto a fornecer previsões concretas. Uma verdade científica pode ser concebida em seu contexto histórico, mas não é absoluto, apenas progressivo à medida que novas pesquisas avançam. Para Lakatos e Marconi (2003):

Constitui-se em conhecimento falível, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final e, por este motivo, é aproximadamente exato: novas proposições e o desenvolvimento de técnicas podem reformular o acervo de teoria existente (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 80).

Geralmente atribui-se como principal objeto de estudo da Geografia a superfície terrestre. Entretanto essa concepção, mais usual, é ao mesmo tempo, a mais imprecisa. Na Geografia, observa-se que o objeto de estudo é muito amplo, superando a simples descrição da superfície terrestre como seu significado etimológico é atribuído. Além disso, a Geografia é também uma ciência social, pois em todo momento atribui os aspectos da ação humana em um determinado espaço. Nas reflexões de Corrêa (2003, p.16) o autor cita: “como ciência social a geografia tem como objeto de estudo a sociedade que se refere a ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território”.

Cabe aos geógrafos, tanto em pesquisa quanto em educação, analisar o espaço através dos vários conceitos a que podem ser atribuído, buscando compreender a realidade através de análises que envolvam variáveis físico-ambientais, sociais, política e econômicas. Neste rol de conceitos atribuídos ao espaço geográfico, distinguem-se: lugar, paisagem, território, natureza, região, rede, escala espaço-temporal e, o de espaço propriamente dito.

No contexto das pesquisas a serem realizadas pelos autores deste trabalho, o conceito fundante é Lugar, já que é a partir deste que a produção espacial se realiza conforme Carlos (2007):

A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno (CARLOS, 2007, p. 20).

O conceito de lugar tem sido interpretado de diversas maneiras ao longo do tempo e em diversos campos do conhecimento. Uma das mais antigas definições foi feita por Aristóteles em sua obra Física, para ele o lugar seria o limite do corpo. Séculos depois, Descartes na obra “Princípios Filosóficos” procurou aprimorar o conceito de Aristóteles, dizendo que além de delimitar o corpo, o lugar deveria ser também definido em relação à oposição de outros corpos (RIBEIRO, 1993).

O conceito de Lugar foi utilizado sem aprofundamento e relacionado a região por La Blache e Sauer, mas foi com a Geografia Humanista, a partir da década de 70, que ele foi reconhecido como um conceito-chave (FERREIRA, 2000).

É possível identificar duas acepções principais, sendo estas consideradas em dois de seus eixos epistemológicos, o da geografia humanística, que considera lugar como produto experiência humana. E a Geografia Radical ou dialética marxista, em que o lugar assume uma compreensão enquanto espaço de singularidade.

Para Tuan (1983, p.83) “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Espaço e lugar se relacionam, existem três tipos os principais de espaços “o mítico, o pragmático e o abstrato”, espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa, lugar é mais concreto que espaço. (TUAN, 1983, p.19).

A visão dialética marxista é uma abordagem na qual o lugar é considerado a partir de uma dinâmica que é única, resultado de características históricas e culturais pertinentes ao seu processo de formação, mas também pode estar relacionado como uma expressão de globalidade (LEITE, 1998).

a origem desta percepção encontra-se intimamente relacionada a processo de expansão do modo capitalista de produção que através de uma ampla rede de fluxos (de transportes, de informação e de mercadorias), que conseguiu incorporar progressivamente todos os pontos da superfície do planeta, inclusive aqueles considerados como remotos. (LEITE 1998, p.15).

As correntes da geografia crítica, humanistas e marxistas servem de base para alguns autores, entretanto elas não são homogêneas. Dessa forma torna-se significativo compreender de forma aprofundada a conceituação de lugar dada por alguns autores.

Segundo Moreira (2007) a partir da Revolução Industrial iniciam-se muitas mudanças tecnológicas e ocorrem também mudanças nas sociedades, as cidades tornam-se

mais complexas e os atributos clássicos da geografia ganham outro sentido. Nessa nova espacialidade conforme Moreira (2007) o lugar pode ser visto através de dois ângulos distintos, onde lugar pode ser entendido como ocupar um ponto na rede para estar inserido na geopolítica ou pode ser compreendido como pertencimento espaço vivido.

Levando em consideração a importância do lugar na rede, Corrêa (2001, p. 107) analisando as dimensões das redes geográficas esclarece que esta constitui “[...] ‘um conjunto de localizações geográficas interconectadas’ entre si ‘por um certo número de ligações’”. As reflexões de Santos (1999, p.14) reforçam essa relação “[...] cada lugar, através de sua estrutura técnica e de sua estrutura informacional, acolhe uma fração, maior ou menor, das redes globais”. Neste sentido percebe-se que o lugar, em sua atuação adquire características próprias: afetivas, simbólicas, de pertencimento, espaço vivido e que, não está isolado mas numa rede geográfica, constituindo um ponto de ligação, conexão da construção socioespacial.

Nas palavras de Harvey (1996) citado por Ferreira (2000) escreve sobre o original de Marx destacando que o lugar está relacionado à acumulação de capital e sua influência nas relações sociais, isto é, além da construção social compreendido como localização. No entanto para Moreira (2007, 61) é o “lugar que dá o tom da diferenciação do espaço do homem – não do capital – em nosso tempo”.

Para Relph (1979) citado por Leite (1998) ressalta que o lugar “[...] significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes, de segurança”.(RELPH 1979 apud LEITE 1998, p.10).

Assim pode-se dizer que o estudo do lugar deve levar em conta a possível abordagem do lugar enquanto o seu espaço físico, ressaltando a identidade do lugar, ou então as experiências dos indivíduos com o lugar, no qual as subjetividades humanas terão maior ênfase.

Para Tuan (1975) o lugar tem muitos significados que são atribuídos pelas pessoas e traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos mais afetivos e subjetivos que racionais e objetivos: uma praça ou uma rua onde se brinca desde a sua infância, o alto de um morro de onde se observa a cidade. Essa compreensão de lugar é também compartilhada por Ferreira (2000) onde o lugar está ligado ao contexto das ações e a eventos humanos, está muito mais ligado ao subjetivo que ao objetivo.

O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. Trata-se na realidade de espacialidades carregadas de laços afetivos com os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas na convivência com o lugar e com os outros. O conceito de lugar assume um caráter subjetivo, uma vez que cada indivíduo já traz uma experiência direta com seu espaço, com o seu lugar, houve um profundo envolvimento com o local para adquirir tal pertencimento.

A experiência de lugar abrange ainda diferentes escalas. Para Santos (2006, p. 212) “os lugares são vistos como intermédio entre o mundo e o indivíduo”.

Nas palavras de Buttimer (1985, p. 178), “cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação”. Então os indivíduos são capazes de desenvolver as referências de vários lugares afetivos à medida que adquirem experiências em localidades espaciais diferentes em viagens ou atividades desenvolvidas diretamente. Assim o lugar também pode ser concebido enquanto memória, pois com a mobilidade, o lugar se torna como quadros de vida (SANTOS, 2006).

Nas reflexões Mello (1990) faz menção ainda à existência de lugares míticos e concebidos. Os lugares míticos são aqueles espaços que embora nunca tenham sido experienciados concretamente, trazem uma visão do paraíso, o qual foi alimentado em nossos desejos de manter um contato direto com o mesmo, por exemplo, uma cidade, ou um país com o qual existe o desejo de conhecer e visitar, que traz a noção de atração. Já o lugar concebido é aquele construído a partir das experiências de outras pessoas com o lugar, e relatadas de forma a construir um referencial de espaço ou conforme Silva (2005) são:

lugares que não conhecemos pessoalmente, porém que tomamos conhecimento a partir da descrição afetiva de outras pessoas e através de veículos de comunicação, também têm potencial para se tomarem lugares: são os chamados lugares concebidos (SILVA, 2005, p. 4).

Segundo Buttimer (1985, p.228) “o lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”. Leite (1998) ressalta:

[...] essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses predeterminados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade. Como afirma Relph (1979), os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas (LEITE, 1998, p.10).

Para Carlos (2007, p. 22) no debate “Lugar diante era das redes” demonstra que a análise do lugar revela-se na simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais como produto das relações humanas “[...] no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece [...]. Mesmo diante de um mundo interligado por redes, o lugar é essencial para a produção das redes, já que os sujeitos precisam pertencer a uma determinado lugar.

Diante da singularidade dos lugares é possível perceber que eles se comunicam entre si, eles criam redes de interesses e de influências, pode-se dizer que os lugares se “mundializam”. Como afirma Santos (1988, p.34) “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”. O autor ainda enfatiza “o lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente [...] (SANTOS, 2002, p.158).

E as relações entre os lugares nunca irão parar, enquanto as relações de redes de fluxo e da sua análise espaço-tempo continuarem em atuação, os lugares continuarão assumindo sua singularidade na ótica da divisão imposta a cada um. Afinal, “o lugar é parte do mundo e desempenha um papel na sua história”. (SANTOS, 1988, p.35). O autor Moreira (2007, p. 61) destaca que o Lugar é o ponto de referência, o fruto da rede, e que sob uma nova visão política “a corrida para incluir um lugar na rede, a um só tempo, aproxima e afasta os homens hoje”. Compreender o lugar na rede é ir além da noção da ligação, é perceber que as singularidades influenciam nas questões: políticas, históricas, sociais, econômicas, etc.

Nas palavras de Carlos (1996), a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso se eliminar as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos. Ainda segundo Carlos (1996, p. 33) é possível definir lugar a partir dos “entrelaçamentos impostos pela divisão espacial do trabalho posto que é articulado e determinado pela totalidade espacial”.

Embora os lugares tenham sua característica individualizada no espaço, não quer dizer que estejam isolados uns dos outros. Os lugares mantêm um sistema de redes entre si, mecanismos estes estabelecidos pela própria atuação das forças geradas pelo sistema de

capital, afinal, cada lugar estabelece relações com os outros a partir da função determinada por este sistema econômico.

Para Ferreira (2000, p.78) ao relatar as ideias de Merrifield (1993) esclarece que “o lugar é o terreno onde são vividas as práticas sociais, é onde se situa o cotidiano, é o espaço praticado”. O lugar neste caso não é visto apenas como relacionado ao cotidiano, mas também relacionado as questões do capital em que ocorre operações em diferentes escalas. (FERREIRA, 2000).

O autor Oakes (1997) citado por Ferreira (2000) compreende o lugar como identidades significativas e atividade imediata, como a expressão entre o progresso e a perda. O autor ainda ressalta que o lugar é “um espaço criativo, embora ambivalente, cavado em algum local entre a opressão da nova ordem e aprisionamento da tradição” (OAKES 1997, p. 511 apud FERREIRA, 2000 p. 80).

Para Massey (2008, p.190) o lugar é entendido não como vítima da globalização, mas sim aparece como uma eventualidade “são articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço” suas características resultam das relações, conexões e desconexões. “Viajar entre lugares é mover-se entre coleções de trajetórias e reinserir-se naquelas com as quais nos relacionamos” (MASSEY, 2008, p.153).

Para Bartoly (2011, p.86) “as realidades dos lugares são cada vez mais complexas e, nesse sentido, são percebidas e vividas de diferentes formas, por diferentes indivíduos”.

Diante da complexidade da abordagem do lugar é possível identificar que este tem destaque em meio a era da globalização, seja como ponto de localização de uma transnacional ou como especificação individual carregado de simbolismo, adaptando-se no espaço-tempo. Nas palavras de Ferraz (2010, p.17) “o sentido de lugar, na sociedade atual, depende muito do grau de valorização que se deposita ou se produz do mesmo no contexto das forças e fenômenos em jogo”.

Segundo Moreira e Hespanhol (2008, p.58) o “conceito de lugar passa a ser considerado no período contemporâneo, como uma construção socioespacial marcada pela relação contraditória e combinada da cooperação e do conflito”.

As diferentes aplicações do conceito de “Lugar”

1– O entendimento de lugar na relação das práticas produtivas e simbólicas dos agricultores com a floresta na comunidade Lageado Grande Campo Largo- PR.

O conceito de lugar é conceito fundante desta pesquisa, pois na comunidade Lageado Grande, Campo Largo- PR se evidencia o apego e sentimento de pertencimento da comunidade com o lugar, expresso em suas práticas e modo de vida.

Neste estudo o conceito lugar é entendido como a identidade que as pessoas tem com o local de vivência, produto das relações sociais que estabelecem com o meio. O lugar como produto das relações sociais é entendido por alguns autores como Agier (1995), Tuan (1983), Moreira e Hespanhol (2008) e outros. Para Tuan (1983, p.151) “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significação” e surge em escalas e intensidades diferenciadas.

A comunidade rural de Lageado Grande Pertence ao município de Campo Largo-PR, estando localizada no distrito de São Silvestre a aproximadamente 50 km da área urbana do mencionado município. Algumas características interessantes da comunidade Lageado Grande é que as casas se encontram em meio a remanescentes de florestas, nas áreas mais baixas do relevo e nas partes mais elevadas estão as plantações ou “roças”.

O estudo busca compreender a relação produtiva e simbólica da comunidade rural do Lageado Grande, Campo Largo (PR) com as florestas, e para tanto é necessário trazer algumas abordagens a respeito do conceito de lugar, pois a comunidade ainda apresenta em sua vivência e em suas relações sociais a solidariedade, as práticas que respeitam o meio natural, o qual não apresentam-se apenas como recurso, mas como protagonista de muitas crenças e costumes e guia das praticas desenvolvidas na comunidade e é assim carregado de sentimentos.

A comunidade Lageado Grande, Campo Largo, PR, é rural e possui relações de solidariedade com as comunidades próximas (quilombola, faxinais e agricultores tradicionais), as quais compartilham mesmas estruturas como: a de casas que possuem ao lado o quintal e pomar, como também conhecimentos: práticas de manejo e propagação de espécies, crenças e simpatias.

O lugar é produzido a partir da afetividade, da sensação de pertencimento, do modo como nos adaptamos e nos apropriamos das realidades globais que se introduzem no local, que dão sentido à própria distribuição objetiva das coisas e das pessoas nessa porção do espaço geográfico (BARTOLY, 2011, p.73).

Segundo Moreira e Hespanhol (2008, p.57) em sua discussão a respeito do conceito de lugar a importância de vincular o lugar ao rural, pois “no campo a unidade produtiva e a unidade familiar são, em muitos casos, indissociáveis”. O lugar assim é constituído a partir de relações sociais, do vivido, do sentimento de pertencimento e do sentimento de identidade com o lugar (MOREIRA e HESPANHOL, 2008).

Segundo Tuan (1983) o sentimento de lugar resulta de experiências e esse sentimento de pertencimento de uma pessoa por uma localidade, dificilmente se adquire só pelo fato de se passar pelo lugar, mas sim no cotidiano no espaço vivido. Os símbolos e lugares podem ser percebidos pelo indivíduo ou pelo grupo de indivíduos que compartilham dos mesmos costumes, então “as experiências dentro de um grupo humano se sobrepõem o suficiente para que vínculos individuais não pareçam notórios e incompreensíveis para seus pares” (TUAN, 1983 p. 163).

Assim ao estudar as práticas produtivas e simbólicas dos agricultores em relação a floresta, busca-se também, investigar se existe esse sentimento de pertencimento em suas relações com os vizinhos e em suas relações com a terra, a qual é um aspecto muito importante na vida de quem mora em áreas rurais.

Os moradores da comunidade Lageado Grande, Campo Largo- PR mantêm remanescentes de floresta em áreas de uso comum o que vem a demonstrar que essa floresta tem um significado para eles tendo em vista que a conservam que carrega crenças e usos específicos para cada morador. Para Sasaki (2010) é “possível afirmar que o lugar é um núcleo de significados imprescindível para a configuração da identidade individual de cada residente enquanto membro de uma comunidade”.

O conceito de lugar permite compreender a “construção socioespacial, edificada nas relações entre os indivíduos e a base territorial em que se vive e sobrevive” (MOREIRA e HESPANHOL, 2008, p.57).

2 - Lugar e a percepção do visitante da unidade de conservação no Parque Ecoturístico Municipal São Luis de Tolosa (PEMSLT) em Rio Negro – PR.

Nesta seção, o objeto de estudo está relacionado à percepção espacial do lugar, através da análise que o visitante do parque tem ao frequentar o espaço, em interação com os

recursos naturais, históricos e culturais na Unidade de Conservação, procurando relacionar com os comportamentos de visitação.

O conceito de lugar assume maior proporção, através dos estudos da geografia humana, embasado nas concepções de RELPH (1979), TUAN (1983), BUTTIMER (1985) e SANTOS (2006), quando o conceito ganha forma através da memória dos indivíduos em relação ao seu espaço, do seu espaço vivido, às experiências, e aos significados atribuídos ao espaço.

A preservação dos recursos naturais por meio de Unidades de Conservação, apresenta-se para os profissionais da área, como uma das poucas saídas para a manutenção de um patrimônio genético e paisagístico intocado. Deve-se buscar novas formas de gestão, visando superar as dificuldades e reduzir as inúmeras ameaças à consolidação e à expansão das Unidades de Conservação (VIO, 2004).

A necessidade de se estabelecer um sistema com bases universalmente aceitas pelos gestores públicos, com critérios e normas para criar, implantar e gerir as Unidades de Conservação levou à proposta de criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, com a Lei nº 9.985 de 18/07/2000 (Lei do SNUC), e o Decreto nº 4.340 de 22/08/2002, de sua regulamentação (ALMEIDA, 2004).

O Parque Ecoturístico Municipal São Luís de Tolosa - PEMSLT¹ - é uma Unidade de Conservação da Natureza de proteção integral urbana. Portanto, sua importância e forma de manejo são bem peculiares. Antes da interferência humana predominava a Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária), juntamente com importantes fragmentos do seu entorno, um dos poucos remanescentes dessa formação florestal na região. É uma importante área remanescente desta floresta no município de Rio Negro, apresentando uma vasta biodiversidade da sua fauna e flora local.

Além destas características que envolvem o lugar ocupado, as quais remetem diretamente na qualidade e no resgate das espécies naturais que ocuparam a vasta área da cidade, a Unidade de Conservação do PEMSLT traz em si uma relação afetiva com o espaço.

Entre as décadas de 20 à 70, a área era ocupada pelo Seminário Seráfico São Luis de Tolosa, administrado por freis da Ordem Franciscana. Entre os anos de 1970 a 1994, tanto o prédio como o seu entorno ficaram abandonados. Através de um longo processo de desapropriação e depois de restauração, o prédio do antigo seminário, os campos, trilhas estão

todos remodelados, preservando os aspectos culturais da época e a preservação das espécies naturais.

Em 1996, foi criado o PEMSLT, abrigando a sede da prefeitura com todas as suas secretarias, loja de artesanato, Pólo de Educação a Distância - UAB, Museu, Viveiro Florestal e Trilhas Interpretativas. A área total do terreno do Seminário Seráfico é de 538.792,28 m² (53.87 hectares), e além da área construída, havia uma extensa área natural com espécies nativas e exóticas, animais de várias espécies e remanescentes de flora que também necessitavam de especial atenção.

Houve então uma preocupação, por parte da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, gestora do atual Parque, em conservar o remanescente da antiga floresta, o que foi concretizado através da transformação do imóvel em Área de Relevante Interesse Ecológico - ARIE e posteriormente, em Parque. O enquadramento da Unidade nessa categoria de manejo se deu por conta tanto da necessidade de conservar o patrimônio histórico e ambiental como da possibilidade de visitação pública de baixo impacto, uma vez que a Unidade sempre foi considerada o principal "cartão postal" do município, havendo ainda uma pressão da sociedade em geral para que a área fosse restaurada e adaptada para receber visitantes.

Assim, com a data de 12 de novembro de 1995, cria-se o Parque Ecoturístico Municipal São Luís de Tolosa- PEMSLT de Rio Negro, aberto ao público para visitação e passeios nas trilhas, e também para utilização da área administrativa como sede da Prefeitura, sendo considerada uma Unidade de Conservação. O local possui um grande potencial turístico, pois reúne aspectos diversificados na sua constituição: a arquitetura do prédio do Seminário Seráfico, com seus aspectos histórico-culturais; as trilhas ambientais, oferecendo oportunidade de contato com a natureza e verificação de espécies; e a área de lazer proporcionando um local para encontros de amigos, familiares e outros grupos.

O objeto desta pesquisa é identificar a percepção dos visitantes da Unidade de Conservação do PEMSLT de forma a consolidar a sua finalidade no turismo da região.

Através de um estudo científico com metodologia qualitativa, pretende-se pesquisar qual é o perfil dos visitantes que ocupam o PEMSLT, identificando quantos deles se preocupam em fazer uma visita de contemplação, reconhecimento de fauna e flora, observação de espécies, e ainda verificar a percepção do parque enquanto unidade de conservação.

Com este estudo, procura-se fazer um conhecimento geográfico através da realidade de vida das pessoas com o seu espaço vivido, o seu lugar de convívio, uma vez que a maioria dos visitantes do parque são moradores locais. Assim o conceito de lugar abordado por Tuan (1983, p.83) assume maior significado ainda quando afirma: “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”.

As ideias de Tuan também são corroboradas nos estudos de Relph (1979) que é citado por Leite (1998) quando diz que o lugar “significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes, de segurança”. (RELPH 1979 apud LEITE 1998, p.10)

Aplicando as ideias de Tuan e Relph, observa-se que também Buttimer (1985) faz uma compreensão através dos espaços vividos em camadas concêntricas, ou seja, o lugar pode estar relacionado ao seu lar, perpassar à sua vizinhança, sua cidade, região e nação. E o lugar pode ser concebido enquanto memória, pois com a mobilidade, o lugar se torna como quadros de vida. (SANTOS, 2006)

Neste contexto de pesquisa, a concepção de lugar que se assume para o PEMSLT é o da geografia humanística, pois observa-se que o lugar é carregado de significados pessoais para cada indivíduo, e o que se procura observar é justamente, a percepção do lugar para o seu visitante, e como eles se relacionam com o espaço, como o analisam enquanto unidade de conservação permanente.

Além do PEMSLT estar carregado por significados históricos, através da criação da unidade de conservação, ele passou a ter um significado para a humanidade enquanto espaço de preservação e de manutenção de espécies. A sua importância ultrapassa os limites de Rio Negro e agora assumem um caráter mundial para que permaneça enquanto ecossistema das florestas das araucárias. Mesmo que extensões muito inferiores ao que já existiu em todo o sul do Brasil, esta pequena área preserva a continuidade de existência de formas de vida animais e vegetais e sua contínua reprodução. Assim, esta pesquisa visa analisar também a ótica do lugar na concepção da preservação e da sustentabilidade, procurando verificar a apropriação ecológica do parque para os seus visitantes e moradores.

3 – O Santuário de Nossa Senhora das Brotas, em Piraí do Sul – PR, como lugar de turístico e educacional

O lugar enquanto um conceito geográfico recebe diferentes interpretações que vão depender da abordagem dada, e nesta pesquisa o lugar é compreendido enquanto vínculo afetivo, de pertencimento, como espaço vivido e produto das relações sociais. Assim optou-se pela conceituação de Carlos (1996), Ferraz (2010), Callai (2000).

O Santuário de Nossa Senhora das Brotas enquanto objeto de estudo, é concebido como lugar que representa a história do município de Piraí do Sul, onde os tropeiros pernoitavam, descansavam, faziam suas orações. Atualmente o Santuário das Brotas é onde o homem está em contato com a natureza, com significados históricos, culturais e religiosos. Carlos (1996) destaca:

O lugar é produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida (CARLOS, 1996, p.29).

O Santuário de Nossa Senhora das Brotas surge decorrente da devoção a Nossa Senhora das Brotas. Frei Galvão ao passar por Piraí do Sul se estabeleceu na casa de D. Ana Rosa, a família piraiense recebeu como presente uma gravura de papel com a estampa de Nossa Senhora segurando o Menino Jesus no braço direito que segundo Frei Galvão era milagrosa (PIREHOWSKI, 2011).

D. Ana Rosa perde a estampa em uma mudança. Depois de muita procura, caminhando pelos matos queimados a volta de sua casa no dia 26 de dezembro encontra-a. A imagem da santa foi encontrada entre as cinzas e brotos da nova vegetação, o fogo destruiu a moldura, mas nada fez a estampa que é de papel (HUSSMANN, 1964).

Desde então a imagem passou a ser venerada inicialmente na sala de D. Ana Rosa, por ter ocorrido a perda e o achado milagroso. O fato atraiu a atenção de todos, inclusive dos tropeiros que passaram a fazer pouso nas terras de D. Ana Rosa e seu esposo Joaquim Maciel de Almeida para pedirem proteção da santa. Conforme relata Hussmann (1964):

Os tropeiros tornaram-se os primeiros devotos e arautos² da devoção de Nossa Senhora das Brotas. Em suas viagens de semanas e meses, vindos do sul, rumo a São Paulo, tinham seus lugares de pouso para as tropas. A fama de Nossa Senhora em pouco se espalhou entre eles, tornando-se o lugar das Brotas, o pernoite preferido, o “pouso obrigatório” para todos. Muitas vezes prolongavam suas viagens até altas horas da noite, só para alcançar a “Casa” da Protetora de seu gado, onde

permaneciam o dia seguinte para descansar e sobretudo para rezar diante da imagem da virgem das Brotas, pedindo-lhe a proteção para seus animais (HUSSMANN, 1964, p. 60).

Decorridos séculos do surgimento da devoção a Nossa Senhora das Brotas e como consequência o Santuário de Nossa Senhora das Brotas, onde os tropeiros foram os primeiros devotos o lugar continua carregado de afetividade.

O Santuário de Nossa Senhora das Brotas pode ser compreendido como história particular. Conforme Carlos (1996, p. 17) o lugar pode ser entendido como “desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/ hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história”.

A partir da devoção dos tropeiros e seu pouso no atual Santuário de Nossa Senhora das Brotas, a história do município de Piraí do Sul se desenvolve revelando a relação cultura com o tropeirismo. Para Ferraz (2010) o lugar é a base de processos espaciais na elaboração da identidade onde se aprimora os laços afetivos.

Assim o Santuário das Brotas constitui o objeto de estudo da pesquisa enquanto patrimônio tropeiro e seu potencial turístico e educacional. As relações com o ambiente estão relacionadas a cultura e dessa forma:

conhecê-la, portanto, pode ser significativo para compreender o lugar, e entender por que as coisas acontecem do modo que estão acontecendo. Reconhecer a cultural local significa perceber a história do lugar, as origens das pessoas que ali vivem e as verdades e valores que pautam as relações entre elas (CALLAI, 2000, p. 122).

É neste sentido que o Santuário é abordado enquanto pertencente a cultura local que pode ser explorado como potencial turístico, como meio de gerar renda para os munícipes. O valor de conhecer a história, a cultura, os costumes do lugar está em reconhecer-se como membro ativo de uma sociedade, pois o presente liga-se ao passado. De acordo com Monastirsky (2006, p.26) “o presente das cidades é o resultado de uma contínua reinterpretação dos lugares, considerando-se o seu passado”.

O potencial educacional refere-se a valorização da cultural do município por meio da educação patrimonial. Horta et. al. (1999) esclarece que educação patrimonial é centrada no patrimônio cultural como fonte de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo, sendo que o contato com as manifestações culturais possibilita aos indivíduos a apropriação e valorização da sua herança cultural. O autor Moraes (2005) ainda afirma que trabalhar o patrimônio cultural fortalece a relação dos indivíduos com sua herança cultural possibilitando

a percepção da responsabilidade pela valorização e preservação do Patrimônio, ampliando ainda a vivência com o real e com a cidadania.

O Santuário de Nossa Senhora das Brotas ganhou significados (históricos, culturais e sociais) entorno da devoção de Nossa Senhora das Brotas, em especial, pelos dos tropeiros. Dessa forma torna-se pertinente que o Santuário seja abordado e valorizado enquanto lugar, por meio da educação e turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia enquanto ciência sempre buscou abordar as questões socioambientais. Alguns conceitos auxiliam nesta compreensão como, por exemplo, o de Lugar, entretanto, não é possível analisar as questões do espaço a partir de um conceito fundante desvinculado dos demais. Assim, a natureza da Geografia permite que os demais conceitos como território, região, paisagem possuam relações entre si, pois é impossível dissociar o contínuo existente nas questões espaciais e nas suas relações de fluxos e de redes.

Várias são as abordagens em torno do conceito de lugar, enquanto espaço vivido, espaço singular e espaço carregado de significações, como reforçam alguns autores abordados neste estudo.

O lugar pode ser relacionado a diferentes abordagens e se apresenta como o conceito que norteia algumas pesquisas, como nas pesquisas que serão realizadas no decorrer do Mestrado em Gestão do Território (2014 – 2015), onde o lugar ganha significados específicos. Tais compreensões nos levam a entender melhor as relações de vivência e articulações no mundo contemporâneo. O lugar também possibilitou a ampliação dos conhecimentos em torno das diferentes conceituações realizadas.

NOTAS:

¹ Os dados históricos, geográficos, ambientais e culturais do Parque Ecoturístico Municipal São Luis de Tolosa, foram obtidos com a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Rio Negro, através de contato com a equipe técnica responsável.

REFERÊNCIAS

AGIER, M. Lugares y Redes. Las Mediaciones de la Cultura Urbana. **Revista Colombiana de Antropología**, vol XXXII. p. 221-243, 1995. Disponível em: < http://www.icanh.gov.co/grupos_investigacion/antropologia_social/publicaciones_seriadadas_a_antropologia/revista_colombiana_antropologia/8505>. Acesso em: 27/06/2014.

ALMEIDA, R. C. V. O sistema estadual de unidades de conservação do Estado de Minas Gerais: diagnóstico dos instrumentos de planejamento e gestão e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (IV: 2004: Curitiba) **Anais...** Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Rede Nacional Pró Unidades de Conservação, 2004. v. II, p.106.

BARTOLY, F. S.. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia (UFF)**, v. 26, p. 66-91, 2011. Disponível em: < <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/454/325>>. Acesso em: 27/06/2014.

BUTTNER, A. Campo de Movimiento y sentido del lugar. In: RAMÓN, M. D. G. (org.) **Teoría y Método em la Geografía Anglosajona**. Barcelona, Ariel, 1985.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo: o lugar na geografia. In: CASTROGIOVANNI, A. (Org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000. P.83 a 131.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec, 1996.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Trajetórias Geográficas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FERRAZ, C. B. O. Entre-lugar: apresentação. **Revista Entre-Lugar**, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 15-31, 1º semestre de 2010. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/610/406>>. Acesso em: 27/06/2014.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 5, nº 9, pp. 65-83, jul/dez., 2000. Disponível em: < http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.revistaterritorio.com.br%2Fpdf%2F09_5_ferreira.pdf&ei=1v >

NHVJqNMInHgwTBv4DICg&usg=AFQjCNFDpV17IOpXVwIzb5kLBd2nQOWkiQ&bvm=bv.77880786,d.eXY>. Acesso em: 27/06/2014.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

HUSSMANN, F. G.(PE). **A Paróquia do Sr. Menino Deus e o Santuário de Nossa Senhora das Brotas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1964.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003. p. 311.

LEITE, A. F. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, 21, p. 9-20,1998.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 312.

MELLO, J. B. F. A Geografia Humanista: a Perspectiva da Experiência vivida e uma Crítica radical ao Positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, 52(4), pag. 91 – 115, 1990.

MONASTIRSKY, L. B. **Ferrovias: Patrimônio Cultural. Estudo sobre a ferrovia brasileira a partir da região dos Campos Gerais (PR)**. 2006, 190 p. Tese (doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: < <http://tede.ufsc.br/teses/PGCN0292.pdf> >. Acesso em 05 de maio de 2011.

MORAES, A. P. **Educação Patrimonial**: Uma proposta curricular. Campos dos Goytacazes, RJ, 2005. Monografia (Bacharelado em Ciência da Educação) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. M.. O lugar como uma construção social. **Revista Formação** (Presidente Prudente), n. 14, v. 2, p. 48-60, 2008.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. etc..., espaço, tempo e crítica, **Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas**. N° 1(3), VOL. 1, p. 55-70, junho, 2007.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed.revista e Modificada pelo autor -8" ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.

PIREHOWSKI, D. **O tropeirismo no currículo de geografia da educação básica de Pirai do Sul – PR**. Ponta Grossa, 2011, 88 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Pensamento – Cultrix, 1972.

RIBEIRO, W. C. Do Lugar ao Mundo ou o Mundo no Lugar? **Terra Livre AGB**, n. 11, v. 12, p. 237-242, 1993.

RIO NEGRO, **Revisão Do Plano De Manejo Do Parque Ecoturístico Municipal São Luís De Tolosa**, Prefeitura Municipal, 2012.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo, Hucitec, 1988.

_____. **Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial**. Território. Ano IV, n. 6, p. 5-20, rio de Janeiro, 1999.

_____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção-** 4ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SASAKI, K. A Contribuição da Geografia Humanística para a Compreensão do Conceito de Identidade de Lugar. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**. Salvador, BA, Ano XIII, Nº 22, p.112-120. Dezembro de 2010.

SILVA, T. R. da. A geograficidade e os saberes tradicionais dos pescadores do lago Guaíba: subsídios para a co-gestão das águas do manancial. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina 2005. **Anais... SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE** Homenageando Livia de Oliveira. Londrina 2005. 17p.

TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. Place: na Experiential Perspective. **Geographical Review**, 65, pág. 151-165, 1975.

VIO, A. P. de A. Uso sustentável na zona de amortecimento como estratégia integridade e à consolidação das unidades de conservação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (IV: 2004: Curitiba) **Anais...** Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Rede Nacional Pró Unidades de Conservação, 2004. p.98, v. II.